

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE

CHOICE

ESPECIAL MAIORCA · Um mergulho fora de época
SPECIAL MALLORCA · A dive out of season

PORTUGAL CONT. 10,00€ · BE/FR/NL/IT/ESP/GR 13€ · DE 14€ · UK £10 · Suisse 16 CHF · Morocco 10 MAD · USA 24,95 \$ · Canada 24,95 CAD / Bimestrial



00121

OLIVA ARAUNA

Love for Art



Ph © Courtesy Almacén Abierto



Desde cedo a arte fez parte da sua vida. Oliva Arauna nasceu em Santander e cresceu num ambiente fortemente cultural, mas é ainda criança quando a família se muda para Madrid. Para Oliva a arte é uma paixão pessoal, razão que a leva a abrir uma galeria com o seu nome próprio em Madrid, na década de 80, com artistas jovens como ela, com os seus 31 anos de idade, como me conta na entrevista que realizámos na sua casa-armazém na capital espanhola. Na sua opinião, um galerista tem que dar mais do que lhe pede o público, tem a responsabilidade de criar novos caminhos, abrir novas portas. Numa cena galerística dominada por nomes como Helga de Alvear, Soledad Lorenzo e Juana Aizpuru, Oliva Arauna – que se define como “a mais nova desta geração de grandes mulheres” – aposta em mostrar sobretudo novos meios: fotografia, instalação e vídeo, que se tornam o denominador comum dos artistas com quem trabalha.

Procura a liberdade, quer dar a capacidade aos artistas que lhe são contemporâneos de se libertarem de uma Espanha conservadora, onde a pintura tinha uma enorme expressão mas não permitia uma evolução no mundo da arte. Desde cedo envolvida na vida cultural da capital de Espanha, esteve entre as fundadoras da Arte Madrid, do Instituto de Arte Contemporâneo, Mujeres en las Artes Visuales, e durante anos fez parte da comissão organizadora da Feira ARCO Madrid. Este percurso e os trinta anos de galerista fizeram de Arauna uma figura incontornável na cena artística, no entanto, fecha a sua galeria em 2015 por sentir que “o mundo da arte tinha mudado”; a paixão que outrora movia os colecionadores dera lugar a uma competição como se de uma corrida se tratasse.

Art has been part of her life from an early age. Oliva Arauna was born in Santander and grew up in an intensely cultural environment. She was still a child when her family moved to Madrid. For Oliva, art is a personal passion, which is why she opened a gallery with her own name in Madrid in the 1980s, alongside young artists like herself at the age of 31, as she told me in the interview we had at her home-warehouse in the Spanish capital. In her opinion, a gallery owner has to provide more than what the public expects of them; they have a responsibility to forge new paths and open new doors. In a gallery scene dominated by notable women - Helga de Alvear, Soledad Lorenzo, Juana Aizpuru, Oliva Arauna ‘the youngest of this generation of great women’, as she calls herself - she is committed to showing mostly new media: photography, installation and video, which have become the common denominator of the artists she works with.

She seeks freedom, and wants to offer artists that are her contemporaries the chance to break free from a conservative Spain, where painting has had a tremendous expression but hasn't always allowed for evolution in the art world. She was involved in the cultural life of the Spanish capital from an early age, being one of the founders of Arte Madrid, the Instituto de Arte Contemporáneo, Mujeres en las Artes Visuales, and for years she also sat on the organising committee of the ARCO Madrid fair. This career and thirty years as a gallery owner have transformed Arauna into an eminent figure in the art world, but in 2015 she decided to close her gallery feeling that “the world of art had changed”; the passion that once motivated collectors had given way to a race-like competition.



Ph © Alfredo Arias



Ph © Courtesy Almacén Abierto

Para esta grande dama da contemporaneidade foram precisos alguns anos para compreender que o que agora queria mostrar seria um espaço híbrido, único, um lugar onde se mostra a sua profusa coleção. Coleção que conta com as obras de Jenny Holzer, Alfredo Jaar, Santiago Sierra, Miguel Rio Branco, Doris Salcedo, Thomas Ruff, Pipilotti Rist, Helmut Dorner, Reinhard Mucha, Zhang Peili. É este diálogo entre a coleção e as obras que fazem parte do acervo da galeria que cria novas narrativas entre o colecionismo e a venda. Uma forma de pensar híbrida, nova: *Almacén Abierto*.

VERÓNICA DE MELLO: O que é para si ser um colecionador?

OLIVA ARAUNA: Ser colecionador é viver e sentir a arte com paixão, tendo uma vontade constante de aprender e mergulhar nesse mundo. Infelizmente, hoje a imagem do colecionador está muito distorcida. Muitas vezes, está associado a quem compra arte para ser reconhecido. Claro que há pessoas que começam de uma forma ou de outra, mas não são, neste momento, pessoas inquietas. No entanto, na década de 80, sobretudo em Espanha, era diferente... Havia pessoas inquietas que perguntavam constantemente que exposições poderiam visitar, que museus ou novas galerias estavam a abrir, isso perdeu-se um pouco...

It took a few years for this great dame of contemporary art to realise that what she now wanted to show would be a hybrid, unique space, a place where her abundant collection could be displayed. This collection includes works by Jenny Holzer, Alfredo Jaar, Santiago Sierra, Miguel Rio Branco, Doris Salcedo, Thomas Ruff, Pipilotti Rist, Helmut Dorner, Reinhard Mucha and Zhang Peili. It is this dialogue between the collection and the works that are part of the gallery's archive that generates new narratives between collecting and selling. A hybrid, new way of thinking: *Almacén Abierto*.

VERÓNICA DE MELLO: What does it mean to you to be a collector?

OLIVA ARAUNA: To be a collector is to live and feel art passionately, with a constant desire to learn and immerse yourself in that world. Unfortunately, today the image of the collector has become very distorted. It's often associated with people who buy art in order to be acknowledged. Of course, there are people who start out in all sorts of ways but, currently, they are not that restless kind of people. By contrast, in the 1980s, especially in Spain, things were different... People were restless, constantly asking what exhibitions they could visit, what museums or new galleries were about to open, and some of that has been lost...



Ph © Verónica de Mello

Mas também considera que um colecionador pode não possuir obras de arte? Sim, para mim, um colecionador não tem necessariamente de possuir obras. Há pessoas de quem gosto muito, porque dizem “eu tenho na cabeça a minha colecção ideal”, porque efectivamente podes não ter poder de compra, e ainda assim ter as tuas preferências por artistas e principalmente por obras de artistas. E quando se fala com eles, têm uma ideia muito boa do que poderiam construir como colecção.

Considera-se uma colecionadora? Bem, considero-me uma apaixonada, porque não procuro, encontro. A minha colecção é de obras, não de artistas, nunca me interessei se esse artista está mais na moda ou menos na moda [...]. Mas não vou procurar o que pode servir para a minha colecção e o que falta, nunca o fiz na minha vida. Eu vejo uma exposição e se alguma coisa me entusiasma, pergunto o preço e se consigo chegar (ao valor) de alguma forma, compro.

Qual foi a primeira aquisição que fez? Não me recordo qual foi a primeira, mas lembro-me da primeira obra de um artista internacional que comprei: foi “Untitled” de Alighiero Boetti, um grande artista que tive o prazer de conhecer. Também trabalhei com Alfredo Jaar e na altura comprei toda a exposição, arrisquei, na arte deve-se arriscar, é fundamental.

Como funciona este novo espaço: Almacén Abierto? O Almacén Abierto é um espaço onde misturo peças da minha colecção pessoal com obras que são propriedade da galeria. Embora algumas obras de arte façam parte da minha colecção, às vezes tenho várias edições do mesmo trabalho. A minha intenção não é vender a minha colecção, mas se alguém estiver muito interessado num trabalho que pude desfrutar durante muitos anos, posso considerar vendê-lo para que outros também o possam apreciar... ^Δ

But do you also think that a collector might not have to own works of art? Yes, for me, a collector doesn't necessarily have to own works. There are people I really like, because they say: “I have my ideal collection in my head”, because you can actually have no purchasing power, and still have your preferences for artists and especially for works by artists. And when you talk to them, they have a very clear idea of what they would build as a collection.

Do you consider yourself a collector? Well, I consider myself a passionate collector, because I don't look for things, I find them. My collection is made up of works, not artists, I've never been interested in whether an artist is more fashionable or less fashionable [...] And I don't go around searching for what might be useful for my collection and what's missing, I've never done that in my life. I see an exhibition, and if something excites me, I ask for the price and if I can somehow manage it (the value), then I buy it.

What was your first acquisition? I don't remember what it was, but I do remember the first work I bought by an international artist: it was 'Untitled' by Alighiero Boetti, a great artist I had the pleasure of meeting. I also worked with Alfredo Jaar and at the time I bought the whole exhibition. I took a risk, in art you have to take risks, it's fundamental.

How does this new space work: Almacén Abierto? Almacén Abierto is a space where I combine pieces from my personal collection with works owned by the gallery. Although some of the artwork is from my collection, sometimes I have several editions of the same work. Although my aim is not to sell things from my collection, if someone is really interested in a work that I've enjoyed for many years, I might consider selling it so that others can also enjoy it... ^Δ



Ph © Alfredo Arias